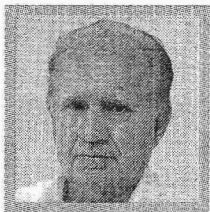


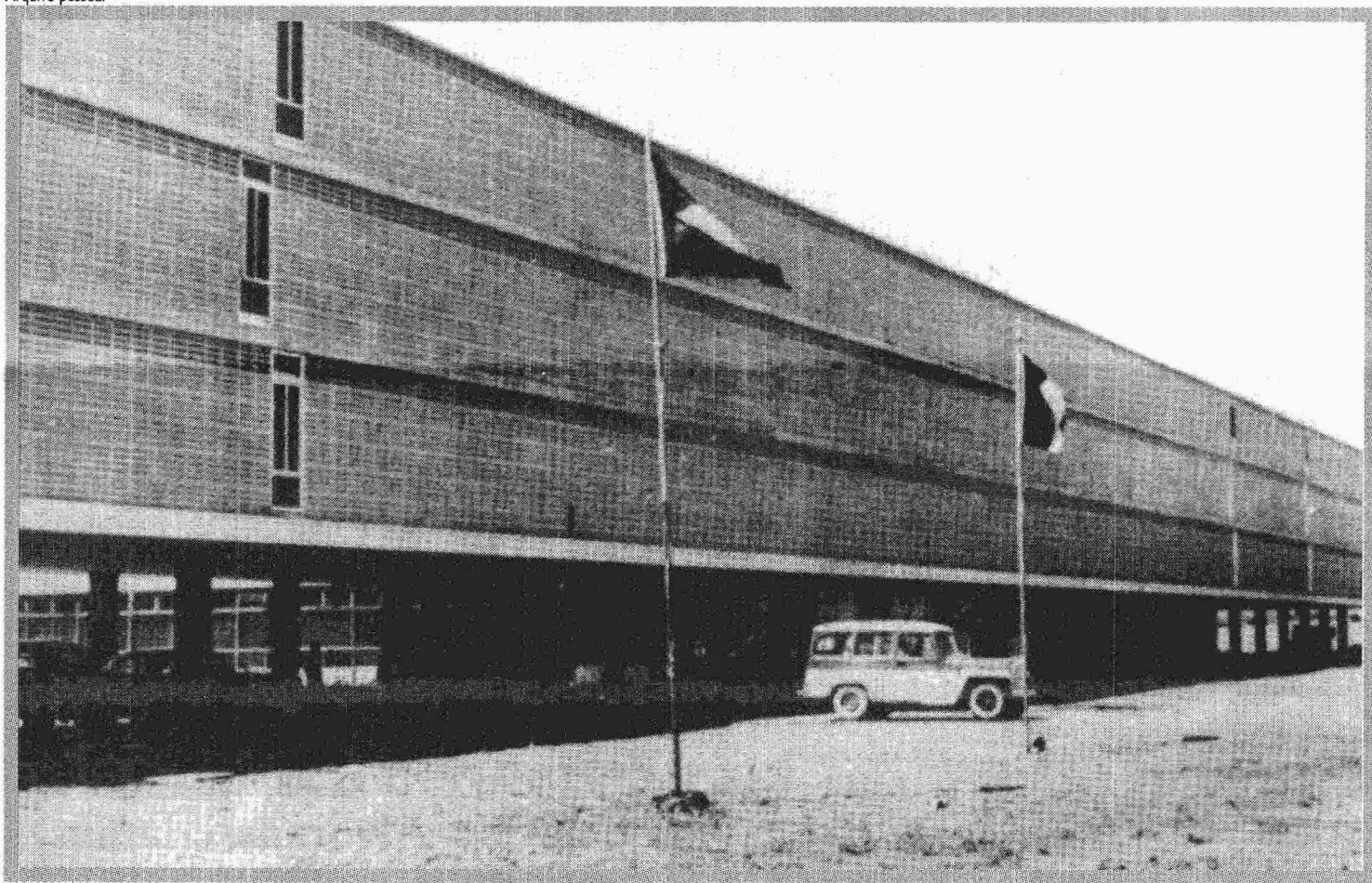
## PIONEIROS



Hernani Hilário Fittipaldi

# Um amor pela nova capital construído aos poucos

Arquivo pessoal



O BRASÍLIA PALACE  
HOTEL FOI O PRIMEIRO  
ENDEREÇO DE HERNANI  
NA CAPITAL

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O caso de amor entre Brasília e o pioneiro Hernani Hilário Fittipaldi começou bem antes da inauguração da capital federal, ainda no governo de Getúlio Vargas, e dura até os dias de hoje. O primeiro contato desse aviador, gaúcho de Uruguaiana, com Juscelino Kubitschek se deu quando este ainda era governador de Minas Gerais. Como Getúlio não gostava muito de falar ao telefone, era Hernani, ajudante-de-ordens do então presidente, quem resolvia muitos assuntos pendentes com governadores e parlamentares. Em uma dessas intermediações, o pioneiro sugeriu a Getúlio que apoiasse o nome de Juscelino para a sua sucessão. Além disso, Hernani presenciou aquela que talvez tenha sido a primeira reunião em que se falou da interiorização da capital. “Getúlio e Juscelino conversavam sobre isso antes de 1956. Quando Juscelino ouviu a cobrança de um eleitor em um comício, já havia estudos econômicos sobre a transferência da capital para o interior do Brasil. Não foi uma promessa feita da cabeça dele”, garante Hernani.

Com o suicídio de Getúlio Vargas, Hernani, que era um de seus braços direitos na Aeronáutica, acabou sendo encostado na reserva das Forças Armadas. Mas quando Juscelino assumiu a Presidência, a coisa

mudou de figura para Hernani. “Juscelino me chamou e disse que me mandaria aos EUA para cumprir uma missão importante. Era uma época de dificuldades para Juscelino, pois só a Aeronáutica fez três rebeliões no ano de 1956 e acabou atrasando todos os planos do presidente”, lembra. Dois anos mais tarde, em 1959, estava Hernani de volta ao Brasil e a Brasília, cidade que ele já havia visitado outras vezes, para assumir o posto de relações públicas do Ministério da Aeronáutica. “Como eu tinha

facilidade de conseguir vôos saindo da capital, tive que prometer a minha filha mais velha, Lúcia, que a levaria ao Rio de Janeiro todo final de semana até que ela se acostumassem com a cidade”, conta o pioneiro, para quem todos que quisessem partir de avião daqui tinham que pedir autorização.

O progresso da cidade em tão pouco tempo pegou Hernani de surpresa. “É claro que ainda havia muito o que ser feito, mas já existiam muitas construções em estágio avançado e o Brasília Pa-

lace Hotel — primeira morada de Hernani na capital — já oferecia aos visitantes e embaixadores um conforto razoável”, afirma o aviador, que nas primeiras vindas a Brasília teve que pousar seu helicóptero em Anápolis devido à quantidade de poeira no aeroporto improvisado na nova capital.

Apaixonado por aviação desde menino — “lembro até hoje do primeiro avião que pousou em Uruguaiana e me encantou logo de cara, despertando em mim o desejo de ser aviador” —,

Hernani não poderia deixar esse verdadeiro vício — no bom sentido, é bom frisar — de lado em Brasília. “Era maravilhoso sobrevoar tanto cerrado. No local onde hoje está o Setor de Embaixadas, voávamos mais baixo para ver melhor os porcos selvagens, pacas e veados que lá habitavam”, conta.



## PIONEIROS

Como ajudante-de-ordens de Getúlio Vargas, Hernani participou das primeiras conversas sobre a interiorização da capital entre o então presidente e o governador de Minas, Juscelino



HERNANI, COM A FAMÍLIA, NA CIDADE QUE O CONQUISTOU

## Raio X

**Nome:** Hernani Hilário Fittipaldi  
**Idade:** 83 anos  
**Origem:** Nascido em Uruguaiana (RS), veio do Rio de Janeiro (RJ)  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Aviador  
**Estado civil:** Casado  
**Esposa:** Eunice Dornelles Fittipaldi  
**Filhos:** Lúcia, Sérgio e Mauro  
**Netos:** Rodrigo, Cláudia, Paula, Rafaela, Bruno, Andréa, Eduardo e Adriana  
**Bisnetos:** Maria Vitória, Maria Valentina e Gilberto Salomão Neto

“**ERA MARAVILHOSO SOBREVOLAR TANTO CERRADO. NO LOCAL ONDE HOJE ESTÁ O SETOR DE EMBAIXADAS, VOÁVAMOS MAIS BAIXO PARA VER MELHOR OS PORCOS SELVAGENS, PACAS E VEADOS QUE LÁ HABITAVAM**”

Foi justamente por causa de uma dessas viagens que Hernani acabou comprando seu primeiro pedaço de terra na capital. O pioneiro estava no Palácio da Alvorada quando recebeu um chamado do comodoro Sílvio Pedrosa, um dos fundadores do Iate Clube, pedindo para que Hernani fosse de helicóptero buscá-lo na outra margem do Lago Paranoá. O problema é que isso foi em 1959, antes mesmo de o Lago Paranoá estar cheio. “Fiquei sem entender o que ele queria dizer, mas ele falou simplesmente para eu traçar uma paralela e dobrar à direita em tal ponto que eu o encontraria. A orientação deu certo e eu fiquei sabendo onde seria a margem norte do lago”, conta o pioneiro, divertindo-se muito com a lembrança.

A beleza do local arrebatou de vez Hernani, que decretou logo: “já que era para eu morar aqui em Brasília, tinha que garantir alguma terra e aquele local era perfeito”. Dessa forma foi erguida

a primeira casa do Setor de Mansões do Lago Norte, que, para orgulho de seu construtor, está de pé até hoje. “É uma casa simples, feita com sobras de madeira das construções de Brasília, mas é madeira boa, de pinho. Até os móveis foram feitos por mim com jacarandá do cerrado”, descreve Hernani, revelando que o segredo para que a construção não desabasse é um banho de 30 dias no óleo queimado. Os móveis de Hernani eram tão bem-feitos que um amigo chegou e perguntou de onde eram. O pioneiro respondeu que eram importados e acabou vendendo os móveis e depois fazendo outros para ele.

A casa tem uma varanda de pedras e cascalhos construída sob medida para que as capivaras que habitavam o lago pudessem ser observadas pelos filhos do pioneiro de forma segura. “Fiz uma marca nas pedras até a cota mil, de onde o lago não deveria passar, e com isso tive uma varanda literalmente à beira do lago”, explica.

Mas como a casa era longe do Plano Piloto e era uma época em que os caminhos de Brasília não estavam ainda muito bem traçados, Hernani resolveu voltar para o Plano Piloto, de onde a ida dos filhos para a universidade e a dele próprio para o trabalho ficariam muito mais fáceis.

Depois de mais de 40 anos de Brasília, Hernani se diz um apaixonado pela cidade. “No começo achei que não ficaria por aqui, mas depois me acostumei, fui gostando, e hoje quando saio morro de saudades”, afirma o aviador. O pioneiro está escrevendo um livro de memórias no qual conta as lembranças que tem dos trabalhos com Getúlio (em seus dois mandatos), Juscelino e João Goulart, de quem foi colega desde o colégio. A definição dele para Brasília é de uma epopéia. “Como acontece com toda epopéia, Brasília deve ter sua história recontada e refeita por todos nós”, finaliza, com ares filosóficos.